

BOLETIM



21 DE JUNHO “UM DIA NO MUSEU”

Reencontros e testemunhos em Peniche



A Fortaleza de Peniche recebeu dezenas de familiares de ex-presos políticos da ditadura. Organizado pela Associação Amigos do MNRL- Fortaleza de Peniche, em parceria com o Museu, o encontro inaugurou a atividade pública da Associação e homenageou aquelas que foram as redes de apoio dos presos durante os anos de repressão.

O dia incluiu visitas guiadas temáticas a celas, parlatório e outros espaços do antigo cárcere, evocando a vigilância, a censura e as difíceis deslocações das famílias. Seguiram-se o documentário “Aqueles que ficaram (Em toda a parte todo o mundo tem)” e a apresentação do livro *Os impactos da Ditadura nas Famílias dos Opositores Políticos*, de Mariana Valverde, que deu voz a histórias longamente silenciadas.

O encontro terminou com o compromisso de preservar estas memórias como parte da história coletiva e da construção da liberdade.

Reportagem visual

Chegada e acolhimento



Visitas temáticas

Parlatório: evocação dos rituais de visita, separação forçada, censura e vigilância



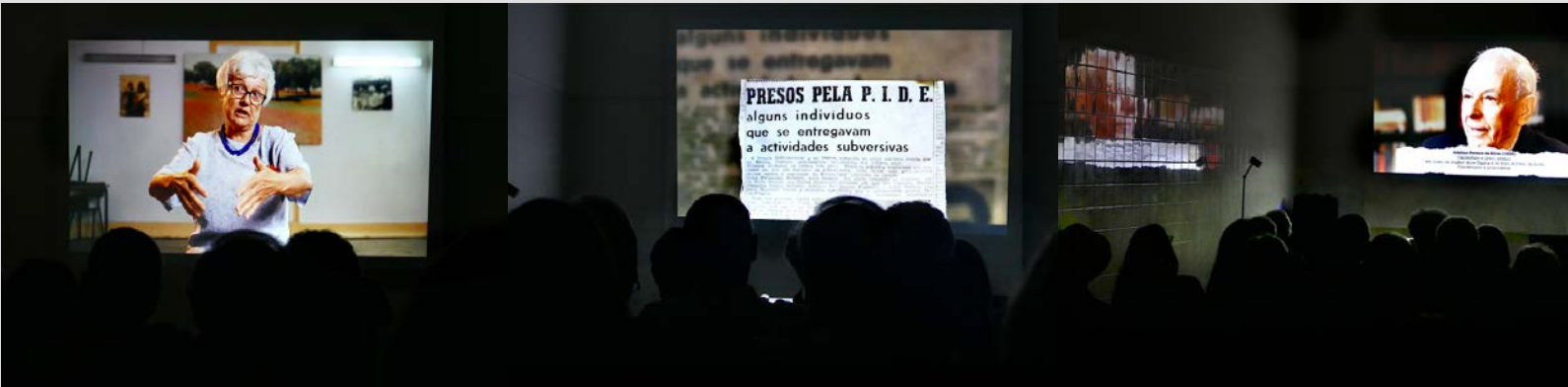
Bloco C (celas): condições de reclusão, memórias da resistência, "Fuga dos 10" (1960) e a lista dos assassinados



Reportagem visual

Exibição de documentário

“Aqueles que ficaram (Em toda a parte todo o mundo tem)”, de Marianela Valverde



Conversa com familiares de ex-presos políticos

Testemunhos das marcas deixadas pela repressão nas histórias familiares



Apresentação de livro com a autora

Os impactos da Ditadura nas Famílias dos Opositores Políticos, de Marianela Valverde





HIROSHIMA E NAGASAKI

As duas cidades japonesas têm permanecido, desde há 80 anos, e até hoje, como o símbolo (até agora nunca) antecipado do holocausto atômico generalizado. Hiroshima, uma cidade do Japão feudal, foi quartel-general durante a primeira guerra Sino-japonesa (1894-1895) e era, em 1945, um porto marítimo, centro industrial e quartel-general das forças japonesas. Nagasaki foi igualmente uma base da Marinha Imperial Japonesa durante a mesma guerra e um importante centro de produção de material bélico. Foi, portanto, sobre estas duas cidades imperiais e de grande importância estratégica que os altos comandos politicomilitares americanos (Presidente Truman e generais Marshall, MacArthur e LeMay) decidiram, com três dias de diferença, lançar os dois engenhos atômicos de destruição em massa.

Em Hiroshima, o lançamento ocorreu no dia 6 de agosto de 1945, pelas 8h15 (hora local). A Little Boy, nome atribuído à bomba de 64,5 Kg de urânio-235, transportada num bombardeiro B-29, cunhado pelo piloto de Enola Gay, caiu no centro da cidade, tendo sido totalmente arrasada uma área 12 quilómetros quadrados. 80 mil pessoas tiveram morte imediata e 60 mil morreram no prazo de um ano, por efeito das radiações, que permaneceram no local durante décadas, numa população calculada de 350 mil habitantes. Em Nagasaki, a bomba Fat Man, com um núcleo de cerca de 6,4 kg de plutónio, foi lançada às 11h01 do dia 9 de agosto de 1945 sobre o vale industrial da cidade, matando cerca de 6200 operários da fábrica Mitsubishi e de outras indústrias militares. As estimativas têm indicado um número variável de entre 39 e 80 mil mortos provocados pela bomba que caiu em Nagasaki, uma cidade na altura com cerca de 260 mil habitantes.

A Guerra do Pacífico, que durava há cerca de 4 anos, tinha já provocado milhões de mortos, tanto «Aliados», como japoneses. O lançamento das duas bombas atômicas tinha sido antecedido por bombardeamentos massivos, especialmente depois do fim da guerra na Europa, pela queda do nazismo (8 de maio de 1945), com o objetivo de destruir centros industriais militares do Japão. A operação Meetinghouse (9 e 10 de março de 1945) havia destruído 41 quilómetros quadrados da cidade de Tóquio e matado cerca de 100 mil pessoas.

A passagem para um nível superior de destruição massiva, com a utilização de engenhos experimentais nunca utilizados em palco real, vem na linha do que sempre tem acontecido nas guerras do Ocidente de que conhecemos os relatos: do ferro à pólvora, da pólvora aos engenhos bélicos com apoio motorizado e destes à sofisticação dos engenhos de destruição massiva, foi sempre com o uso de tecnologias novas que os poderes instalados se impuseram, pelo uso brutal da força, onde o entendimento e a negociação não conta. Truman afirma nas suas Memórias que a Operação Downfall teria salvado meio milhão de mortes de americanos.

Em 2014, 192 719 de hibakushas (pessoas afetadas pelas explosões) foram reconhecidos pelo governo japonês. A lista, sempre em crescimento, é atualizada anualmente nos memoriais de Hiroshima e Nagasaki.

A memória pública deste «assassinato» em larga escala deve permanecer bem viva, numa altura em que os maiores dirigentes do mundo atual se referem à utilização dos enormes arsenais de material nuclear como uma possibilidade que apenas (!) têm estado a adiar por suposta racionalidade estratégica. O Mundo nunca estará seguro enquanto continuarmos a armazenar armamento nuclear e enquanto o desarmamento (iniciado no final da Guerra Fria, há mais de meio século) não continuar a ser uma exigência fundamental de todos os homens e mulheres defensores da Paz.

LEMBRETE DE QUOTAS E NOVOS ASSOCIADOS

Se ainda não regularizou a sua quota de 2025, agradecemos que o faça com brevidade para a conta oficial da Associação na CGD com o **IBAN PT50 0035 0612 0003 6327 030 26**.

A sua contribuição garante a continuidade da nossa missão. Convide mais pessoas a tornarem-se associados: basta preencher a ficha de inscrição (em anexo), consultar os Estatutos e pagar a quota mínima anual de 12€. Dúvidas e envio das inscrições remeta para: